

saíra, e este produtor não se desvencilha do crédito ultraestatizado.

Para ser competitivo, o produtor precisa de um seguro de renda que simultaneamente lhe dê condições de tocar sua atividade e ofereça garantia aos investidores.

A produção agrícola e pecuária precisa de retaguarda financeira para cumprir seu papel estratégico e socioeconômico para o Brasil. Infelizmente, vamos para outro governo sem aprovar uma política de seguro rural que garanta renda e maior fluxo de caixa ao produtor.

A inadimplência de muitos produtores mostra que só aumentar recursos é apenas parte da solução. Se muitos estão endividados, com seus limites para captação pressionados, como vão conseguir tomar novas linhas de financiamento? Mas esses produtores ficaram endividados porque lhes faltou um seguro de renda que fosse capaz de dar ritmo, giro e dinâmica à atividade.

Além disso, mesmo o crescimento do crédito é insuficiente para atender à demanda do setor. Desta forma, o produtor capta a juros fixos somente uma fatia do capital necessário para sua atividade. O restante ele tem de pegar no sistema financeiro privado, com uma taxa de juros que beira 15% ao ano. Por que isso? Porque falta uma política agrícola que mitigue o risco tanto para investidor, quanto para o produtor.

O novo Plano Safra também trouxe acertos, como linhas de financiamento destinadas à ampliação da capacidade de armazenagem. Melhorar a oportunidade de estocagem faz com que o produtor tenha mais condições de planejar uma estratégia de negócios. Isso o deixa menos à mercê do humor dos mercados e ao vaivém das cotações.

Outra novidade que merece destaque no novo Plano é a criação do programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC). A iniciativa vai financiar práticas na lavoura que reduzam a emissão dos gases de efeito estufa, como o Sistema de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta e o plantio direto. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

Transformações da pecuária



João Sampaio*

NESTA ÚLTIMA década, marcada pelo dinamismo e pelas transformações do agronegócio brasileiro, a pecuária de corte se destaca. A atividade ficou exposta à competitividade no cenário internacional, aos desafios da produção de alimentos com sustentabilidade e às barreiras sanitárias e tarifárias. Ficou também pressionada a superar os desafios inerentes à produção, como aumento de produtividade, melhoria genética, rentabilidade e concorrência com outras atividades. Mas o setor tem superado as expectativas até dos mais céticos.

Os ganhos de produtividade das fazendas são evidentes, com crescimento da taxa de ocupação por hectare nas regiões Sul, Sudeste e mesmo no Centro-Oeste.

No Estado de São Paulo, por exemplo, desde a década de 70, a produção de carne por hectare cresceu 287%, 7 vezes mais do que o aumento de produtividade de cana-de-açúcar (41%). A área de pastagens, que era de 12 milhões de hectares, hoje totaliza nove milhões. Cerca de oito milhões de cabeças formavam o rebanho paulista, atualmente em torno de 12 milhões. Houve, então, aumento da lotação também. Esses indicadores demonstram a especialização da pecuária para o aumento da rentabilidade por hectare, isto é, dinheiro no bolso do pecuarista.

A criação paulista tornou-se de terminação, com crescimento no número

de confinamentos, em decorrência da disponibilidade da alimentação barata, como polpa cítrica e cana, da proximidade com a indústria frigorífica, do mercado consumidor interno e da logística de exportação.

Aliado a essas características, o desenvolvimento da pesquisa em genética e manejo produz o arcabouço necessário para que o pecuarista invista e aposte na inovação como forma de dar sustentabilidade econômica e ambiental à atividade. O Instituto de Zootecnia, órgão da Secretaria de Agricultura, junto com outras instituições públicas e privadas, está sintonizado com as demandas do consumidor. Um dos seus trabalhos de destaque é o estudo de mitigação de gases de efeito estufa, com ênfase em medições da produção de metano pelos bovinos, considerando alimentação, manejo e genética. Outra linha é a do programa de melhoramento, com 30 anos de seleção genética baseada em provas de ganho de peso. Este trabalho exportado para a pecuária do Centro-Oeste resulta em terceiras gerações de animais com pesos de desmama (aos trinta meses) entre 750 e 800 quilos, prontos para serem vendidos aos produtores de carne.

Na industrialização, os frigoríficos brasileiros internacionalizaram suas atividades, entraram no mercado financeiro e, hoje, dentro do agronegócio, são um dos setores com mais fome de expansão. A presença da carne bovina em supermercados de mais de 150 países é outra prova de que a produção de proteína animal está entre os setores mais dinâmicos da nossa agropecuária.

As constantes acusações de falta de sustentabilidade da pecuária nacional não são verdadeiras. Imagens sensacionalistas, cobranças indevidas e a má informação não devem balizar a nossa produção. A pecuária sem tecnologia e sem sustentabilidade terá de se adequar às oportunidades impostas pelo mercado. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo